

ACAFA

Nº 4 (2011) On-line

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Tejo

Depoimento de David Almeida



Vila Velha de Ródão, 2011

Tejo

Início este depoimento apoiado em parte do texto com o mesmo título que escrevi para o catálogo¹ da exposição que apresentava o conjunto de obra gráfica inspirado nas gravuras do Vale do Tejo em Ródão, na sequência da primeira visita àquele complexo de arte rupestre.

Referia, numa das partes do dito texto, o aspecto técnico com que realizei as gravuras, que acabou por conduzir a um processo entretanto por mim desenvolvido e que se encontra publicado desde 2010², mas que não cabe aqui citar. Apenas registo que o meu modo - técnico e formal - do fazer gravura mudou radicalmente, actualizando-se com o ensinamento dos velhos mestres, levando-me a partilhá-lo em *workshops* para os quais vou sendo convidado.

Não faço a separação dos textos. Apenas actualizo alguns tempos - verbais ou de estilo - para que o corte não interfira com a leitura do todo.

¹ *David de Almeida* - Catálogo de Exposição, 1993, Galeria da Livraria Portuguesa. Instituto Cultural de Macau.

² *Gravura, outra* - David de Almeida 2010, edição do autor.

Vamos descendo a encosta aos tropeções, pelo caminho aberto pela escavadora que insiste em sulcar a massa xistosa que se desprende vale abaixo, abrindo um caminho serpentiniforme, como que o prenúncio de algumas das formas que, gravadas, encontraremos nas rochas que ladeiam o rio.

Mais uma curva e, coado pela nuvem de poeira que os nossos pés levantam, surge-nos o Tejo invadindo as margens, apropriando-se delas como que a querer ficar-se por ali, guardião de uma propriedade que lhe pertence

Uma plataforma rochosa, miradouro natural, deixa-nos suspensos sobre o rio. A nossos pés, realmente sob os nossos pés, os barqueiros que nos esperam tiram a água que a velha barca deixa entrar. Mãos em concha à volta da boca, como há já muito tempo se fazia, estabeleceu-se o contacto, demos-lhes conta da nossa chegada.

Continuámos a descida, agora aliviada pela visão do rio e das suas margens que irão ser o objecto da nossa "exploração".

NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Tejo
David Almeida

Suspensos de um céu reflectido nas águas conquistamos a ausência de gravidade e atravessamos o rio. Não se ouve sequer o soar dos remos que os músculos tensos do barqueiro cravam nas águas.

O grupo é conduzido pelo Francisco Henriques, arqueólogo ligado à origem de todo o trabalho ali desenvolvido, profundo conhecedor das gentes e do local, elemento indispensável para o sucesso de qualquer visita aos sítios arqueológicos da região. Saltitamos de pedra em pedra no Cachão de S. Simão, escorregando aqui, apoiando as mãos em alguma lâmina de xisto mais elevada acolá. Aparecem então as primeiras gravuras, referências obrigatórias da arte rupestre. Antropomórficas umas, zoomórficas outras, serpentiformes muitas, e sóis, muitos sóis, que também nós vamos venerando como o fizeram os primeiros habitantes do vale do Tejo.

Ajudado pela Sónia, minha filha, então estudante de Antropologia, vou tomando as primeiras notas, e juntos vamos descobrindo o modo de fotografar as gravuras (o sol balança-se por perto do zénite, o que facilita a leitura das que se encontram na vertical, mas prejudica a das que estão na horizontal).



(Gravura de David de Almeida, catálogo de exposição na Galeria da Livraria Portuguesa de 22 a 29 de Setembro de 1993, Instituto Cultural de Macau)

O Canau Espadinha, escultor, quarto elemento deste grupo que começa a sofrer os efeitos da desidratação e da falta de alimentos - sem darmos por isso, fomos atirados para as quatro da tarde - perde-se pela aridez

Tejo
David Almeida

da margem, explorando e registando a riqueza das texturas e o cromatismo das lâminas de xisto e, providencial, encontra um pouco de sombra onde abrigarmos a cabeça, visto ser impossível encontrar uma área que nos proteja mais do que isso.

A comoção causada pelo rigor formal das gravuras e pelas soluções estéticas encontradas era tal que contagiou o grupo.

Recordo a surpresa que foi a *descoberta* de uma gravura cujo tema é um antropomorfo levantando um veado morto (figura seguinte), como que oferecendo-o ao sol (embora ausente do registo arrisco sol, por ser, como acima refiro, um dos elementos com presença mais constante naquele conjunto). O recorte do picotado, a mestria oficinal e o modo delicado de o conceber são de um rigor tal que mais parecem saídos do cinzel de um ourives, de tão finamente recortadas e precisas que são as ritmadas incisões.

E isto revela um cuidado labor, um elevado nível não apenas técnico mas também cultural das gentes que ali viveram e que lavraram as pedras das margens do Tejo nelas plasmando as suas crenças, os seus fetiches, os ícones que, como acreditavam, os ajudavam a sobreviver. Ou a viver.



Rocha 241 de São Simão (fotografia de Mário Monteiro, 2007)

Com estes registos ficámos a saber muito mais sobre a história destes Homens.

David Almeida, artista plástico